

O número especial de Outono de 2021 da **Geograficidade**, “Interfaces fenomenológico-hermenêuticas em arquitetura e geografia”, oferece aos leitores um panorama interessante de contribuições de pesquisadores de diversos lugares que, reunidos a partir das lentes da fenomenologia e hermenêutica, discutem questões persistentes que, em grande medida, estão situadas em torno da Arquitetura e Urbanismo, da Filosofia Contemporânea, notadamente a Fenomenologia e a Filosofia Hermenêutica, e, por fim a Geografia, especialmente a Geografia Cultural Humanista.

Pensar a temática dos espaços em suas mais diversas variantes e conexões fenomenológico-hermenêuticas tem sido uma tarefa básica assumida por diversos teóricos da arquitetura, urbanismo, paisagismo, geografia e meio ambiente, na tentativa de dar conta das repercussões da fenomenologia e da filosofia hermenêutica nas questões próprias do ambiente habitado. Desde o início do século XX até os dias de hoje, um diálogo inovador e produtivo entre arquitetos, ambientalistas, filósofos, geógrafos, urbanistas, entre outros, tem iluminado uma série de reflexões que buscam fazer justiça a uma nova relação com o espaço, notadamente o espaço vivido, enquanto um âmbito que, em alguns momentos, careceu de uma reflexão mais aprofundada, não limitada a análises puramente quantitativas, mas também dedicada aos elementos complexos que estão em jogo nas relações espaciais.

Deste modo, os artigos que compõe este número foram organizados como um mosaico de reflexões, oferecido aos interlocutores não somente como aportes teóricos a pesquisas em andamento, mas sobretudo como um cuidadoso compartilhamento de experiências de pensamento, situado nas fronteiras entre as áreas supracitadas, na tentativa de compreender o acontecer da vida efetiva, buscando descrevê-la, discuti-la e, por fim, transformá-la em novas possibilidades de ser.

Nesta perspectiva, temos a contribuição de Irene **Breuer**, “Husserl y Merleau-Ponty. El cuerpo viviente y la constitución de un (no-)lugar arquitectónico/paisajístico”, que abre nosso dossiê, como um convite a trilharmos um percurso fenomenológico com Husserl e Merleau-Ponty, no horizonte da relação entre lugar e não lugar arquitetônico/paisajístico. Leonardo Marques **Kussler**, em “Arquitetura hostil e hermenêutica ética”, convoca-nos a refletir sobre a arquitetura hostil, através da perspectiva ética da hermenêutica filosófica, analisando especialmente a concretude material da rejeição ao outro, muitas vezes normalizada nos espaços comuns de nossas cidades. Gabriel Kafure da **Rocha** e João Paulo **Maldonado** de Souza, no artigo “Arqui-textura dos espaços: um diálogo entre Bachelard e Coutinho”, contribui com uma aproximação entre Bachelard e Evaldo Coutinho, no tocante aos fundamentos

filosóficos da arquitetura, verificando a presença comum do pensamento de Bergson e sua contribuição para a experiência arquitetônica do espaço. Rafael Henrique **Teixeira-da-Silva**, em “Ontologia poética do patrimônio e os devaneios da vontade”, possibilita-nos a acompanhar uma reflexão acerca do patrimônio, como obra poética, em uma visada fenomenológica. Vitor Sartori **Cordova** e Jane **Victal**, em “Entre céu e terra: a medianidade do lar no hábito humano”, partem do albergar da casa, enquanto medianidade do lar, para pensar o habitar em novos termos, ou seja, para além do ‘eu’ por ‘nós’. Rodrigo Almeida **Bastos**, no artigo “A alma e o silêncio: o conceito de decoro em Alberti e Louis Kahn”, examina elementos próprios do decoro, notadamente em Alberti e Kahn, como um modo renovado de pensar a relação entre arquitetura, arte e vida. Roberto Alves de Lima **Montenegro Filho** oferece-nos o artigo “O campo espacial e a concepção arquitetônica” como uma forma de questionamento da problemática do projeto de arquitetura enquanto um momento teórico-prático da profissão, mas também como um momento pedagógico da formação fenomenológica e representativa do arquiteto. Rafael Ferreira de **Souza**, em “Impressões subjetivas na arquitetura abandonada”, salienta a relevância dos processos subjetivos na relação com as cidades, especialmente em suas arquiteturas, tomando especialmente a arquitetura abandonada. Francyjonison Custodio do **Nascimento** e Maria Helena Braga e Vaz da **Costa**, com o artigo “A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre a geografia e a filosofia de Luigi Pareyson”, brindam-nos com uma reflexão sobre o pensamento de Pareyson, na fronteira entre filosofia e geografia, para além das distinções metodológico-científicas. Ainda na seção dos artigos, Daniela Florêncio da **Silva**, com “Um ensaio geográfico sobre o olhar do flâneur na contemporaneidade”, problematiza a flânerie do geógrafo contemporâneo, buscando assim vislumbrar novas possibilidades para a experiência geográfica enquanto trilhar um caminho. Por fim, a minha contribuição, “O habitar como questão urbana e ambiental”, traz algumas reflexões sobre o habitar, na trilha de Heidegger, confrontando-se com algumas questões contemporâneas e ecológicas da vida urbana.

Temos ainda, com grande honra e alegria, a publicação da tradução, ainda inédita em língua portuguesa, do artigo “Arquitetura e Narratividade”, de Paul **Ricoeur**. Agradecemos especialmente ao “Fonds Ricoeur” tanto pela permissão no tocante à publicação da tradução, como também pelo cuidado com a obra e o legado de Paul Ricoeur, filósofo essencial para pensarmos nossa relação com as coisas em geral.

O presente dossiê traz ainda uma nova seção, **Diálogos**, na qual contamos com a entrevista “Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura”, concedida pelo professor Juhani **Pallasmaa**, teórico da arquitetura e professor da Universidade de Tecnologia de Helsinki, ao professor da FAU/UFRJ, Valentín **Arechaga**.

Na seção **Notas e Resenhas**, encerrando o Número Especial, temos duas resenhas: as contribuições de Ricardo Ferreira **Lopes**, com uma resenha sobre a tradução da obra “Habitar” de J. Pallasmaa, e de Werther **Holzer**, sobre o livro “A relevância da arquitetura no pensamento de Gadamer”, que publiquei em 2020.

Por fim, agradeço de modo especial aos professores Eduardo Marandola Jr. e Werther Holzer pelos diálogos sempre intermináveis – dos quais nunca saí o mesmo – e o apoio de sempre. Agradeço igualmente aos leitores da **Geograficidade** pelo interesse contínuo neste periódico, espaço comum de debate livre e difusão de ideias. ○

Gustavo Silvano Batista
Editor-Convidado